

**UMA FEMINISTA PORTUGUESA NO BRASIL—A PROPAGANDA DE ANA DE CASTRO OSÓRIO NO ROMANCE *MUNDO NOVO*****A PORTUGUESE FEMINIST IN BRAZIL – THE PROPAGANDA OF ANA DE CASTRO OSÓRIO IN THE NOVEL *MUNDO NOVO***

Eduardo da Cruz
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
eduardodacruz@gmail.com

Resumo: A escritora Ana de Castro Osório (1872-1935) é reconhecida por sua campanha feminista. Sua intensa propaganda pela defesa de maior autonomia para as mulheres e mais direitos, como educação, sufrágio e divórcio marcaram sua carreira intelectual. Com a vitória da revolução republicana, ela vem viver no Brasil, entre 1911 e 1913. Mais tarde, realiza uma série de conferências em várias cidades, entre 1922 e 1923, reunidas depois em *A Grande Aliança*, defendendo uma união cultural luso-brasileira. Essa vivência como feminista portuguesa no Brasil é o tema de um de seus últimos livros de ficção, o romance *Mundo Novo*. Pretendemos estabelecer relações entre suas propagandas feministas e de aproximação luso-brasileira e o discurso e as ações de sua personagem Leonor da Fonseca, curiosamente o mesmo nome adotado por ela ao se filiar à maçonaria.

Palavras-chave: Ana de Castro Osório, *Mundo Novo*, Feminismo, Relações Luso-Brasileiras, Política

Abstract: The writer Ana de Castro Osório (1872-1935) is recognized for her feminist campaign. Her intense propaganda for defending greater autonomy for women and more rights such as education, suffrage and divorce marked her intellectual career. With the victory of the republican revolution, she came to live in Brazil between 1911 and 1913. Later, she held a series of conferences in various cities, between 1922 and 1923, later reunited in *A Grande Aliança*, defending a Portuguese-Brazilian cultural union. This experience as a Portuguese feminist in Brazil is the theme of one of her last books of fiction, the novel *Mundo Novo*. We intend to establish relations between her feminist propaganda, the pro-Portuguese-Brazilian cultural approach and the discourse and actions of her character Leonor da Fonseca, curiously the same name adopted by her when joining Freemasonry.

Keywords: Ana de Castro Osório, *Mundo Novo*, Feminism, Luso-Brazilian Relations, Politics



De fato julgamos sintetizar verdadeiramente o nosso sentir na frase que espontânea nos acudiu aos lábios ao perguntar-nos alguém a impressão que tínhamos da terra dos Inconfidentes:— Quando nos sentirmos estrangeiros no Brasil, viremos para Minas e estaremos entre irmãos.

Ana de Castro Osório¹

Escolhemos por epígrafe esse trecho de uma série de 7 artigos publicados no jornal da colônia portuguesa no Rio de Janeiro, o *Portugal Moderno*, nos quais Ana de Castro Osório conta a viagem que fizera com seu marido, o poeta Paulino de Oliveira, a Minas Gerais, por ocasião do 2º Congresso Pedagógico Brasileiro, em 1912. Ao longo desses textos e de muitos outros com os quais colaborou com esse periódico, há a defesa de uma união luso-brasileira, tanto histórica quanto cultural, tal como ela defenderá mais tarde, em uma série de conferências proferidas no Brasil entre 1922 e 1923 e depois reunidas no volume *A Grande Aliança*. Essa foi uma das principais campanhas em que se envolveu a escritora portuguesa deste lado do Atlântico e, ao percorrer Minas Gerais, ela defendia que a colonização lusa deixara raízes fortes na cultura brasileira.

Apesar de pouco conhecida hoje, Ana de Castro Osório foi figura destacada em seu tempo, como importante republicana, feminista e por sua dedicação à literatura infantil.

Ana fundou e dirigiu uma série de associações feministas no início do século XX, com destaque para a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, criada e presidida por ela em 1908, defendendo a participação política de suas compatriotas e a implantação da república, por entender que a monarquia não era o regime mais favorável aos direitos das mulheres. A grande diferença entre a participação das monárquicas e das republicanistas teria sido o associativismo. Enquanto estas se organizavam publicamente e defendiam seus interesses abertamente, aquelas precisavam agir de maneira oculta, pois o regime que elas apoiavam as silenciava. Por isso a defesa e a propaganda republicana encetadas pela articulista. Daí também sua crítica aos que atacam qualquer posicionamento feminino, independentemente do viés seguido, pois a participação ativa das

¹ “Congresso Pedagógico em Belo Horizonte”, *Portugal Moderno* a.13 n.º 634, de 23 out. 1912, p. 1



mulheres no debate político teria sido a principal conquista da república. É simbólico de seu prestígio, o retrato dos dirigentes republicanos pintado por Alfredo Roque Gameiro, em 1911, no qual ela é a única mulher representada (Fig. 1):



Fig. 1 – Aquarela pintada por Roque Gameiro em 1911²

Bem como é da pena de Ana de Castro Osório o livro considerado primeiro manifesto feminista português, *Às mulheres portuguesas*, de 1905. Ela defendia, entre outras coisas, o direito à autonomia feminina. Sua propaganda visava a educação de qualidade às mulheres, para que elas tivessem possibilidades variadas de trabalho e se sustentassem, além do direito a administrarem os próprios bens. E logo após a implantação da república, em 1910, Ana empenha-se na propaganda sufragista. Mais tarde, incentiva a participação de Portugal na Grande Guerra e integra a Cruzada das Mulheres Portuguesas. Nessa altura, aproxima-se de movimentos nacionalistas e descompatibiliza-se com o governo, desiludida com a república parlamentarista,

² Disponível em: <http://silenciosememorias.blogspot.com/2018/03/1774-ana-de-castro-osorio.html>



que não teria sido capaz de acompanhar as demandas feministas nem teria elevado o país à condição que ela considerava digna a uma grande nação.

Ao lado dessa trajetória feminista, republicana e nacionalista pontuada brevemente acima, Ana de Castro Osório foi autora, tradutora e editora de literatura infantil. Ainda em 1897, cria uma casa editorial chamada “Para as Crianças”, por onde publica recolhas de contos populares, traduções e histórias de sua autoria, que fazem sucesso. O conteúdo didático de algumas dessas obras fazem com que sejam aprovadas para uso nas escolas em Portugal e em alguns estados brasileiros, como São Paulo e Minas Gerais. Aliás, o vínculo que Ana estabelece com o Brasil vai além das obras didáticas e das conferências. Mesmo antes de ter morado na capital paulista, acompanhando o marido que havia sido nomeado cônsul naquela cidade, ela já procurara mercado para suas obras literárias e começara a articular uma rede de sociabilidade com portugueses, escritores e feministas, que foi reforçada e ampliada no período em que aqui esteve, além de ter intensificado sua colaboração em jornais da colônia lusa e em outros.

Além da biografia e outros estudos preparados por João Esteves (2014), o vínculo de Ana com o Brasil tem sido estudado nos últimos anos por diferentes pesquisadores. Ana publicou diversos livros infantis e também destinados ao ensino primário, alguns deles aprovados para uso nas escolas dos dois países, como analisam Angela de Castro Gomes (2011, 2013, 2016) e Maria José Remédios (2000). Também já começam a aparecer algumas relações de sociabilidade entre ela e outras escritoras, educadoras e feministas brasileiras percebidas pela troca de correspondência e mesmo publicações, a partir dos trabalhos de Isabel Lousada (2015) sozinha ou com Ângela Laguardia (2013) e Maria Aparecida Franco Pereira (2015), além de Marisa Lajolo (2000), que discutiu as tentativas de aproximação entre a criadora dos bonifrates Felício e Felizarda e o da boneca Emília do Sítio do Pica-pau Amarelo. Algumas pesquisas têm se debruçado especificamente sobre o livro *A Grande Aliança* (1924). Esses trabalhos focam em sua proposta de uma “grande aliança” cultural entre Portugal



e Brasil. Também temos discutido³, em alguns congressos e em publicações, diversas estratégias de Ana de Castro Osório para a inserção de seu nome no mercado literário brasileiro, além de ter publicado com Andreia de Castro as cartas que Ana enviou à feminista brasileira Bertha Lutz⁴.

Todavia, ainda é pouco conhecida sua obra ficcional não destinada ao público infantil. São algumas narrativas cujas datas de publicação indiciam duas fazes. Uma coletânea de contos em 1898, *Infelizes*; um romance em 1903, *Ambições*; e *Quatro Novelas*, de 1908. Depois, apenas na década de 1920, Ana de Castro Osório voltará à literatura, com *O direito da mãe*, *A verdadeira mãe*, *Mundo Novo*, *Dias de festa* e *A capela de rosas*. Esse retorno à escrita nessa época se dá, segundo João Esteves (2014), por estar desiludida com a política. Era ainda republicana, mas não mais democrata e sem ligações com o governo.

Indicamos, com essa breve exposição de posicionamentos políticos, de ações civis e culturais, e de títulos de livros, que Ana de Castro Osório deveria ser relida e estudada como figura incontornável na história da literatura feminista em português. Sobretudo porque, para ela, a obra de arte tinha papel fundamental na sociedade, fosse denunciando problemas, fosse revisitando o passado, fosse impelindo para o futuro.

É o que acontece, por exemplo, no romance *Ambições*, com a denúncia do jogo político liberal na monarquia. Nessa narrativa ambientada numa aldeia, o grande tema é a política nacional, mesmo que representada num microcosmo do interior. Ali, as novas ideias precisam lutar com o tradicionalismo e os pequenos interesses locais. Ao mesmo tempo, o protagonismo das ações recai sobre as personagens femininas, apesar das dificuldades enfrentadas para agirem naquela sociedade que não atribuía papel político às mulheres. Percebem-se, então, claramente, as relações que Ana de Castro Osório estabelecia entre sua atuação política e sua escrita literária. Partilhamos, assim, a ideia de Rancière:

³ Desde a implementação de uma bolsa do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa, da Fundação Biblioteca Nacional, quando me dediquei a analisar o discurso feminista no periódico dos imigrantes portugueses *Portugal Moderno* no período entre 1899 e 1913.

⁴ DA CRUZ e DE CASTRO, 2018.



O conceito de escrita é político porque é o conceito de um ato sujeito a um desdobramento e a uma disjunção essenciais. Escrever é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo, aquilo que realiza: uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa comunidade com a sua própria alma.⁵

Não é à toa que, tanto no volume *Às mulheres portuguesas*, quanto em *A grande aliança*, há destaque para o papel da literatura na formação das mulheres e no desenvolvimento nacional. No primeiro, por exemplo, há um capítulo escrito num tom pessimista, “A mulher de há trinta anos e a mulher de hoje”. Nesse texto, a principal comparação estabelecida entre duas gerações de mulheres portuguesas é quanto ao nível de leitura. Apesar de criticar a escola romântica e seus famosos excessos, Ana de Castro Osório percebe que há leitoras exageradas em todas as épocas, “as desvairadas de todos os tempos”⁶, como ela dizia, mas que em pleno vigor do romantismo também havia as “ajuizadas”, “que compreendiam a literatura do seu tempo”, enquanto que a geração nova não lia. Ela rebate a acusação de que as mulheres não teriam acompanhado o novo gosto estético. Para a feminista, o motivo era outro: “as mulheres deixaram de ler com receio de que as chamassem *literatas* –o epíteto mais desagradável que podia ser dito a uma senhora que era vista com um livro na mão”⁷. E reclama que seja dada às mulheres portuguesas “uma educação séria e fundamentada, começando nas coisas práticas e úteis da vida, acabando na literatura e na arte em geral, que é por assim dizer a alma falante dum povo”⁸.

Também percebemos, em seus textos no *Portugal Moderno*, um olhar atento da articulista sobre as intelectuais suas contemporâneas. É sobretudo na série de artigos sobre a mulher na política portuguesa que Ana deixa claro não dissociar a atuação política da composição literária. Nesse artigo, ela faz breves considerações sobre Angelina Vidal, Maria Veleda, Maria Amália Vaz de Carvalho, Cláudia de Campos, Virgínia de Castro e Almeida, Alice Moderno e Beatriz Pinheiro. Contudo Ana dedica espaço maior à Maria Amália Vaz de

⁵ RANCIÈRE, 2017, p. 7.

⁶ OSÓRIO, 1905, p. 102.

⁷ OSÓRIO, 1905, p. 107.

⁸ OSÓRIO, 1905, p. 110.



Carvalho, mais velha, já renomada, inclusive com colunas fixas em jornais de grande circulação no Brasil e que já aparecera no *Portugal Moderno* com textos copiados de outros jornais e de seus livros. Apesar de Maria Amália ter tido uma vida pública e uma carreira como escritora, enfim, ações que indicam um avanço nas condições impostas às mulheres na sociedade daquela época, ela ainda se mostrava reativa aos avanços do feminismo e a uma maior participação política de seu gênero. Talvez por isso, Ana de Castro Osório ressinta-se das posições dessa autora, mas a desculpe, reconhecendo sua importância na intelectualidade portuguesa do final do século XIX:

Maria Amália Vaz de Carvalho conservava o bastão de marechala das letras nas mãos delicadas de patricia. A febre que nos fazia agir, atirando com o desafio da nossa palavra ardida ao velho preconceito e à caduca sociedade em que fora criada e vivia, assustava-a, mas não a irritava.

A grande escritora portuguesa foi sempre um belo e claro espírito que o meio apertou em moldes que por vezes rompe numas fugas brilhantíssimas e que serão mais tarde páginas de verdadeiro combate, justificação aos nossos ataques a toda essa inútil sociedade que se julgava a superior.⁹

Do mesmo modo, ao atentarmos às conferências reunidas em *A grande aliança*, percebemos sua preocupação com a literatura em português e com sua interpenetração, porque então, mais do que antes, importa aquela produzida nos dois lados do Atlântico. Em “O novo idealismo da raça através da moderna literatura portuguesa”, conferência preparada para ser lida no salão do Gabinete Português de Leitura, há a clara defesa do “nacionalismo português”, que se espelharia na literatura portuguesa, desde o poeta João de Deus até seu filho João de Castro Osório com a “Ode a D. Sebastião”, que ela lê “como um desafio ao espírito mesquinho da política portuguesa, como um grito de revolta e de sacrifício contra os baixos idealismos e os interesses grosseiros que momentaneamente dominam o mundo”¹⁰. Nessa longa exposição de um nacionalismo literário português, há quatro linhas de força: a revolta contra a decadência nacional; a valorização de um passado glorioso; a recuperação da cultura popular tradicional; e a aspiração a um futuro de glória, fortemente

⁹ *Portugal Moderno* a. 13 n.º 567, 6 jan. 1912, p.1.

¹⁰ OSÓRIO, 1997, p. 138.



marcado por ideais messiânico-sebastianistas. Com isso, ela indicava à colônia portuguesa no Rio de Janeiro o que deveria ser lido e como interpretar essas obras. Afinal, ela própria explica como vê a literatura no início de sua conferência, ou “camaradagem fraternal”, como ela a chama:

Só estudando e sentindo bem a fundo a palpitação espiritual da raça se aprenderá com nitidez o futuro em que pomos os olhos, como se fôssemos um povo de iluminados, caminhando em glória e beleza e mal nos apercebendo dos percalços que, por vezes, nos magoam, mas não conseguem amortecer a nossa fé inquebrantavelmente messiânica.

[...]

É que a literatura para nós não é apenas a beleza da forma, nem a simples exteriorização dos sentimentos e das ideias individuais, mas a mais humana e comunicativa expressão das aspirações da raça e a mais firme indicação da sua vida nacional.¹¹

Curiosamente, como já chamou a atenção Jorge Valentim em comunicação apresentada na UERJ ano passado, não há nenhuma escritora referida nesse texto, apesar de ele perceber um ponto de vista feminino na interpretação da literatura de sua época, pela recusa a fazer historiografia literária, como seus contemporâneos, e a opção por fazer apenas “uma breve amostragem de obras e autores significativos da literatura portuguesa”¹². Também, nessa fase de sua obra, os ideais nacionalistas se sobrepõem aos feministas, ao contrário do período de luta republicana, quando a política era um caminho para a ascensão das mulheres na sociedade.

Por outro lado, na conferência proferida em Pelotas, depois repetida em Santa Maria e em Curitiba, com o título recuperado de seu manifesto feminista e então ampliado, “Às mulheres brasileiras e às mulheres portuguesas”, mas adaptado na publicação em volume para “A mulher de Portugal e do Brasil”, na seção sobre “a influência da mulher portuguesa na arte e na literatura”, além do papel de inspiradoras, leitoras e divulgadoras de composições artísticas, mesmo destacando o nome da Marquesa de Alorna, furta-se a fazer uma listagem do lado português, “tão grande seria a lista de nomes a lembrar”¹³, por já haver então lá

¹¹ OSÓRIO, 1997, p.113.

¹² VALENTIM, 2017, p. 185.

¹³ OSÓRIO, 1997, p. 49.



uma “literatura verdadeiramente feminina, que é suficiente para manter o nosso país à altura dos mais cultos”¹⁴. No entanto, surge uma nova amostragem, não mais de portugueses, mas de brasileiras, como Nísia Floresta, Júlia Lopes de Almeida, Maria Lacerda de Moura, “a distinta mineira que deixa voar o coração e o talento atrás do sonho duma sociedade perfeita”¹⁵, como aponta Ana, e muitas outras, reconhecendo a intelectualidade feminina brasileira, que ela pretende irmanada à portuguesa, “para o triunfo do nosso sangue como para a grandeza das nossas Pátrias irmanadas”¹⁶, ligando Brasil e Portugal ao futuro messiânico que ela aguarda e defende.

É essa aliança luso-brasileira o grande tema de *Mundo Novo*. Há nesse romance algumas ligações com a vivência de Ana de Castro Osório no Brasil. A escritora manteve intensa ligação com a colônia portuguesa e colaborou com o jornal *Portugal Moderno*, editado por Luciano Fataça, no Rio de Janeiro, além de estreitar relações com feministas brasileiras.

A protagonista do romance é uma portuguesa defensora do feminismo, Leonor da Fonseca (nome que Ana de Castro Osório adotou ao entrar para a maçonaria, em homenagem à jornalista e poetisa portuguesa que defendeu ideais liberais em Nápoles no final do século XVIII). Essa jovem resolve atravessar o Atlântico para tentar nova vida, evitando um casamento como destino único e por estar “em demanda de um mundo novo, duma sociedade liberta do peso esmagador dos velhos preconceitos seculares”¹⁷, como ela escreve em carta à amiga que ficara em Portugal. Em seguida, Leonor é recebida no Rio de Janeiro por um tio que enriquecera no Brasil e que a apresenta a algumas figuras da alta sociedade carioca e a algumas personalidades importantes da colônia, como Feliciano Rabaça, que dirige o jornal *Lusitano*, com o qual Leonor colaborará.

Para além dessas similitudes pontuais de nomes e atividades entre a autora e sua criação, há duas grandes lutas da personagem ao longo do romance: a defesa dos ideais feministas e da ligação cultural luso-brasileira em direção a um futuro messiânico para as duas pátrias. É, portanto, uma ficção de forte cariz político, com algumas demandas ainda atuais, apesar de outras,

¹⁴ OSÓRIO, 1997, p. 48.

¹⁵ OSÓRIO, 1997, p. 49.

¹⁶ OSÓRIO, 1997, p. 51.

¹⁷ OSÓRIO, 1927, p. 32.



felizmente, não, como também nota Inês Pedrosa no prefácio à reedição recente da obra:

Parece-nos interessante, todavia, perceber como certas ideias políticas envelhecem mais depressa do que outras; o feminismo advogado por Ana de Castro Osório mantém-se actual nas suas reivindicações, ao contrário do que sucede com a sua perspectiva sobre as relações entre Portugal e o Brasil ou sobre o papel de Portugal no mundo. Mas essas ideias, sublinhemo-lo, não eram apenas suas, antes se afirmavam como ampla e transversalmente consensuais numa Primeira República eivada do patriotismo ufanista então em voga um pouco por todo o mundo.¹⁸

Devemos incluir na lista das ideias que estavam em voga e envelheceram a xenofobia e o racismo que acompanham grande parte da obra de Ana de Castro Osório. São flagrantes exemplos a relação de dependência que se estabeleceu entre Silvina, a empregada dos tios, e Leonor, devido ao “instinto de fraqueza e dependência das mulheres do seu sangue meio escravo”¹⁹, por aquela ser uma “criadinha mulata”²⁰; e o discurso da portuguesa, ainda no navio, criticando a “mestiçagem exagerada da raça”²¹ portuguesa nas colônias, que ela considera “falta de escrupulos” dos homens de sua terra. Por isso, ao destacar o papel da figura materna nas obras de Ana de Castro Osório, Célia Cordeiro ressalta que, para a romancista, “é à mulher portuguesa que compete moralizar a sociedade, contribuindo para a sã propagação da raça lusa dentro do país e além fronteiras”²².

Por outro lado, os capítulos iniciais, compostos por epístolas escritas na viagem de navio de Portugal ao Brasil, dão conta das bandeiras feministas de Leonor: emancipação; educação prática; criação de ligas femininas; alteração do código civil para garantir direitos; e o divórcio. Destaca-se, por conta da biografia da personagem, a defesa de um destino para as mulheres além do casamento, que Leonor apresenta como “uma escravidão mansa ou uma soberania hipócrita, que aperta sem esmagar a alma feminina e lhe tira toda a nobreza, toda a

¹⁸ PEDROSA, 2018, p. 10.

¹⁹ OSÓRIO, 1927, p. 172.

²⁰ OSÓRIO, 1927, p. 171.

²¹ OSÓRIO, 1927, p. 61.

²² CORDEIRO, 2012, p. 98.



espontaneidade e toda a iniciativa individual”²³. Junta-se à campanha feminista que ela pretende encetar também no Brasil a expectativa pela grandeza do país que ela considera fruto do labor português:

Isto é um mundo, mas um mundo imenso que o nosso sangue fecundou, que os nossos antepassados demarcaram tão largamente que ainda hoje é um assombro o ver até onde chegaram com as suas marcações de posse! Demos-lhe o nosso sangue, a nossa língua, a nossa história de maravilha, não podemos abandonar agora a nossa obra sem que os ajudemos a realizar o grande sonho da maior imposição da raça. Os outros que venham, bem necessários são os seus braços e o seu esforço, mas é preciso que os não deixemos viver outro sonho, que se oponha ou contrarie o nosso, que é a compensação magnífica do sacrifício dos nossos avós comuns!²⁴

Os problemas começam quando Leonor efetivamente desembarca e tem suas expectativas frustradas. Ela rapidamente percebe que a sociedade brasileira é muito mais reacionária, que as discussões sobre o divórcio, por aqui, eram ridicularizadas, e que seus patrícios ainda eram mal vistos, apesar da quantidade de imigrantes que tinham obtido sucesso financeiro. Portanto, uma portuguesa intrometendo-se em assuntos da família brasileira não seria bem recebida. E esse desprezo por tudo que vinha de Portugal é representado, inclusive, pela esposa do tio, uma senhora, filha de um cafeicultor paulista arruinado, que aceitara se casar com um português enriquecido pelo trabalho apenas para salvar a família da falência.

É, contudo, na sequência de pequenos problemas que se desenvolvem ao longo do romance, como o caso do testamento de uma tia (só resolvido graças a atividades espíritas), a possibilidade de uma carreira no Brasil, a assistência a imigrantes portugueses pobres, o sucesso ou não de um investimento que acaba por deixar Leonor financeiramente bem, que vai surgir efetivamente uma questão íntima. A jovem, para ajudar uma viúva portuguesa pobre, mas dona de terras no sertão de Mato Grosso que haviam sido ocupadas por uma companhia estadunidense, é apresenta a um engenheiro português, Bernardo, que consegue localizar o território e tomar posse dele, expulsando os americanos. Leonor e

²³ OSÓRIO, 1927, p. 32.

²⁴ OSÓRIO, 1927, p. 272.



Bernardo resolvem fundar lá uma cidade e uma companhia agrícola, Nova Esperança, para onde arregimentam portugueses e brasileiros. Ademais, não faltam em todo esse empreendimento referências aos bandeirantes e a um futuro próspero unindo Brasil e Portugal.

A complicação surge por Bernardo não ser como os outros homens que Leonor conhecia. Ele a tratava como uma igual e ela percebia isso: “junto de Bernardo, sinto-me engrandecida, mais forte e mais serenamente autônoma, como se as nossas almas estivessem organizadas de modo a viverem a par, numa perfeita e completa comunhão”²⁵. Mas Bernardo era casado, e com uma italiana, que é descrita como fútil, sem instrução, apenas interessada em cinema.

O divórcio resolveria tudo, se Leonor não tivesse se colocado contra essa solução nessas condições. Apesar da defesa desse direito, tanto Ana de Castro Osório quanto sua personagem Leonor de Almeida são propagandistas da causa e defendem que o divórcio não seria para desarticular as famílias, mas para salvá-las em casos de crise, como quando o marido coloca em risco os bens do casal, ou bate na esposa e nos filhos, por exemplo. Por isso, Leonor resolve voltar a Portugal, fugindo da possibilidade de se tornar amante. Posteriormente, a esposa italiana de Bernardo, que não suportava a vida na colônia criada pelo marido, foge com uma companhia de filmagem contratada para fazer divulgação do empreendimento, deixando uma carta de despedida. Assim, Bernardo conseguiu a dissolução do casamento e foi atrás de Leonor. Os dois se casam e voltam ao Brasil.

A narração evita qualquer alusão a sentimentalismos. Com isso, Ana de Castro Osório afasta-se das escritoras portuguesas do final século XIX, como Guiomar Torresão ou Maria Amália Vaz de Carvalho. O romance funciona como a representação de ideias que Ana divulgava em suas campanhas feminista, nacionalista e de integração luso-brasileira. O destino messiânico português é, nesse livro, fundido ao brasileiro, a ponto de terminar com uma fala de Leonor apontando para o futuro, tal como Ana de Castro Osório defendia na conferência sobre idealismo na literatura:

²⁵ OSÓRIO, 1927, p. 279.



—A cidade de Nova Esperança é apenas o exemplo do esforço que devemos realizar para a conquista civilizadora do Mundo Novo. Ali nos havemos de reunir todos, brasileiros e portugueses no mesmo sonho e na mesma imposição da nossa força invencível, com raízes bem fundadas no passado e a certeza na floração magnífica do futuro.²⁶

O que se nota na escritora Ana de Castro Osório é a representação literária de suas ideias políticas. Certeau diz que escrever “é uma atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado”²⁷. Ou seja, a escrita pode influir sobre a realidade, da qual se distingue, com o objetivo de transformá-la. Acreditamos que esse era um dos objetivos de Ana de Castro Osório ao escrever suas novelas e romances, principalmente porque neles estavam espelhados muitos de seus pontos de propaganda republicana, feminista e de integração cultural luso-brasileira.

Há, no entanto, no romance *Mundo Novo*, e nas conferências reunidas em *A Grande Aliança*, uma forte marca política reacionária, nacionalista, messiânica, com alguns laivos claramente fascistas. Por outro lado, sua personagem não abandona a propaganda feminista, nem mesmo quando isso a afeta pessoalmente. Inclusive, a colonização imperialista criada no romance é partilhada por homens e mulheres. Ou seja, com sua pena e com sua voz, Ana de Castro Osório é, no início do século XX, uma escritora política que defende publicamente suas ideias, inclusive ao fazer literatura, reescrevendo a história e apresentando sua perspectiva de futuro.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CORDEIRO, Célia Carmen. *Ana de Castro Osório e a Mulher Republicana Portuguesa: veículo de regeneração da nação e de preservação da identidade nacional*. Lisboa: Fonte de Palavra, 2012.

²⁶ OSÓRIO, 1927, p. 352.

²⁷ 1998, p. 225.



DA CRUZ, Eduardo; DE CASTRO, Andreia Monteiro. A propaganda feminista luso-brasileira: as cartas de Ana de Castro Osório a Bertha Lutz. *Navegações*. Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa. V. 11 n. 2. Porto Alegre/RS: PUC-RS, 2018.

ESTEVES, João. *Ana de Castro Osório (1872-1953)*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2014.

GOMES, Angela Maria de Castro. A Grande Aliança de Ana de Castro Osório: um projeto político-pedagógico fracassado. *Estudos do Século XX*, v. 11, p. 20-43, 2011;

_____. A “grande aliança”: um projeto político-pedagógico luso-brasileiro na Primeira República. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH 2013*. Natal: 2013;

_____. Aventuras e desventuras de uma autora e editora portuguesa: Ana de Castro Osório e suas viagens ao Brasil. in: GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos (org.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

LAJOLO, Marisa. Correspondência de Anna de Castro Osório e Monteiro Lobato. *Convergência Lusíada*. Rio de Janeiro, v. 17, p. 305-311, 2000.

LOUSADA, Isabel. Entre Marias, Ana. De Castro Osório, Entre Correspondências. *Anais do VII Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Caxias do Sul: UCS, 2015.

LOUSADA, Isabel; LAGUARDIA, Angela. Maria Lacerda de Moura e Ana de Castro Osório: correspondência em trânsitos atlânticos e feministas. *Navegações: revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*, v. 6, n. 1, jn./jun. 2013. Porto Alegre: PUC-RS/CLEPUL(Universidade de Lisboa), 2013.

OSÓRIO, Ana de Castro. *A Grande Aliança*. Organização e prefácio de Fernando Vale. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. *Às mulheres portuguesas*. Lisboa: Livraria-editora Viúva Tavares Cardoso, 1905.

_____. Congresso pedagógico em Belo Horizonte. *Portugal Moderno* n.º 634. Rio de Janeiro: 23 out. 1912, p. 1



_____. A mulher na política portuguesa IX. *Portugal Moderno* n.º 567. Rio de Janeiro: 6 jan. 1912, p.1

_____. *Mundo Novo*. Romance. Porto: Companhia Portuguesa Editora, [1927].

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. 2ª ed. Trad. Raquel Ramalhete et. al. São Paulo: Editora 34, 2017.

PEDROSA, Inês. Nota editorial. In: OSÓRIO, Ana de Castro. *Mundo Novo*. Lisboa: Sibila Publicações, 2018.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. Ana de Castro Osório e “a grande aliança”: migrações intelectuais da aproximação de Portugal e Brasil, na Primeira República. *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis/SC: 2015.

REMÉDIOS, Maria José. Ana de Castro Osório e a construção da Grande Aliança entre os povos : dois manuais de escritora portuguesa adoptados no Brasil. *Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2000. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/109_maria_jose.pdf

VALENTIM, Jorge. “Uma literatura verdadeiramente feminina”: Ana de Castro Osório e a germinação do pensamento feminista em Portugal no século XIX. *SOLETRAS* (UERJ), São Gonçalo/RJ, n.34, 2017.

Currículo abreviado do autor

Eduardo da Cruz é professor de Literatura Portuguesa no Instituto de Letras da UERJ, doutor em Estudos de Literatura (UFF/2013) e mestre em Ciência da Literatura (UFRJ/2009). É vinculado à Cátedra Almeida Garrett de estudos portugueses da UERJ, pesquisador do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras, sediado no Real Gabinete Português de Leitura (RGPL) e investigador-colaborador no Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Coordena o projeto “Escritoras portuguesas na imprensa periódica do Brasil: laços transatlânticos feministas (1890-1930)”, com financiamento do CNPq (edital Universal0, e participa dos projetos “Páginas Luso-Brasileiras em Movimento” (UFF/RGPL) e “As Senhoras do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro” (CLEPUL/CICS. Nova). Integra a diretoria executiva da ABRAPLIP – Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa – no biênio 2018/2019.

Recebido em 31 de maio de 2019.

Aceito em 04 de julho de 2019.